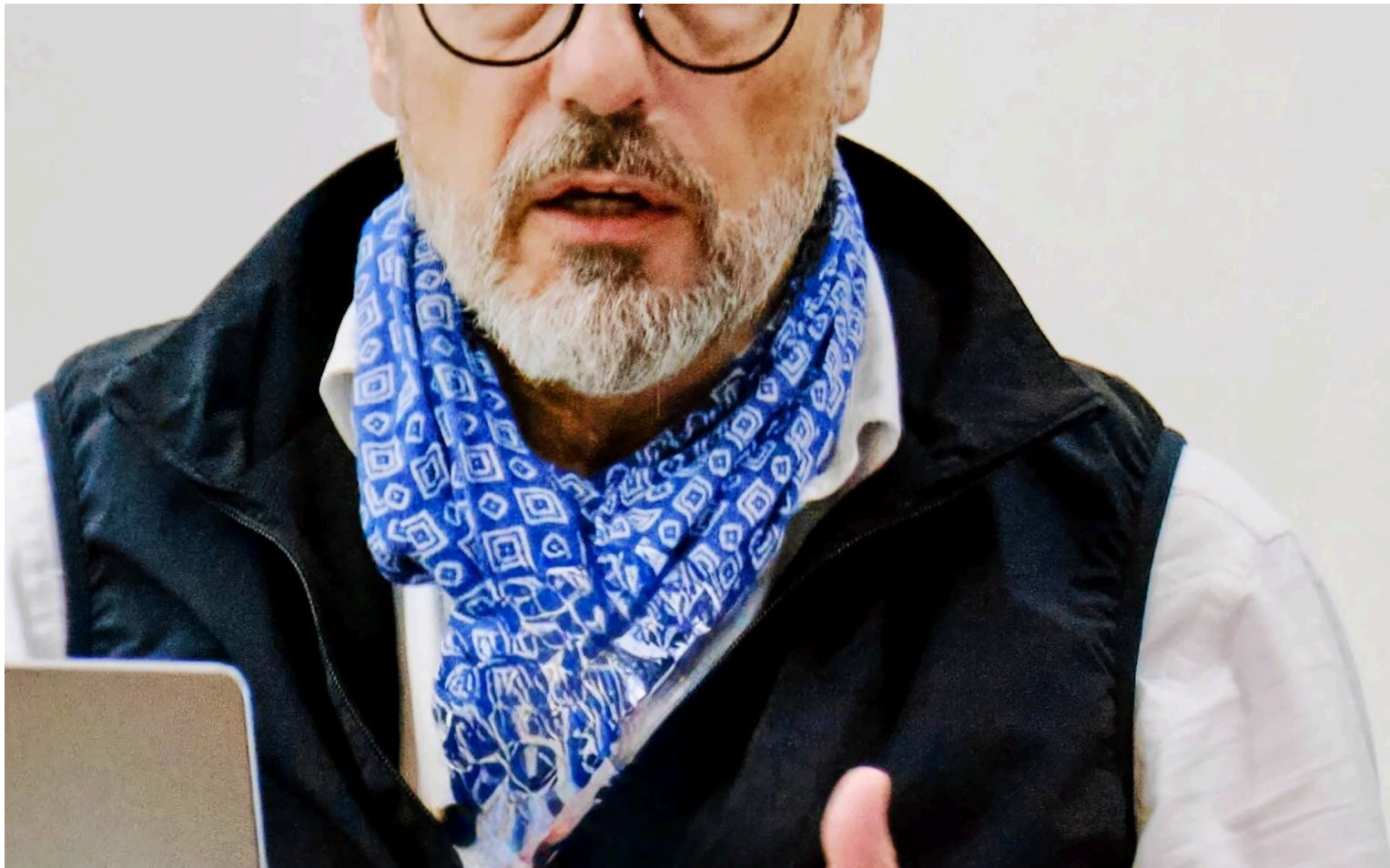


Cultura da Rede Livre

Uma viagem para uma cidade que continua dançando apesar da guerra

Wuppertal · Dance em Kiev contra o tempo.

15.04.2026 12h02 · 3 minutos de tempo de leitura



Ricardo Viviani atua como coreógrafo e pesquisador de história oral em Wuppertal.

Foto: Solomiia Kozolup

Por Ricardo Viviani

Em dezembro de 2025 viajei para Kiev para um workshop. Estive lá por dez dias, viajando de Wuppertal via Kraków – uma rota que parece pragmática e existencial ao mesmo tempo. Como você se prepara para uma viagem para uma zona de guerra a partir de uma sala de estar tranquila? Não há instruções. A preparação começa com passos banais e empacotamento. Medo não importa, incrível o suficiente – apenas a responsabilidade de passar adiante o que EU desenvolvi nos últimos quinze anos.

Aceitei o convite de Viktor Ruban, coreógrafo e ativista cultural, que mantém espaços abertos para a arte e o pensamento em meio à guerra. A tarefa era clara: apoiar as instituições ucranianas a descrever, documentar e proteger suas tradições de dança – um ato de autoafirmação cultural, um passo de descolonização do domínio soviético que ofuscou a língua, a cultura e a memória por décadas.

Em Kiev trabalhamos com diretores de museus, arquivos e bibliotecas, bem como dez artistas e pesquisadores – de jovens de vinte anos a pessoas como eu que se dedicam à dança há 45 anos. O Goethe-Institut possibilitou esse trabalho através do fundo de

resiliência. O primeiro dia é para nos conhecermos. Eu digo quem sou e elas falam de si mesmas. Um espaço cheio de expertise – e, ainda assim, cheio de hesitação porque faltam palavras. É só quando Karina, participante, espontaneamente começa a traduzir cada palavra que tudo se torna audível, tento entender as diversas urgências. Cada um traz a sua ideia do que precisa ser preservado.

O que vivo é uma cidade ao mesmo tempo ferida e viva. Pessoas que parecem cansadas e determinadas. Cafés que ficam abertos mesmo que a energia possa falhar. Colegas que trabalham com humor e profissionalismo enquanto sirenes choram do lado de fora. Uma normalidade que não é enganação, mas estratégia de sobrevivência.

É necessário e urgente fazer esse trabalho agora. Porque tantos talentos vão para o front. Um coreógrafo se despede porque é convocado como operador de drones no dia seguinte. Professores de dança trabalham como franco-atiradores. Uma coreógrafa não pode mais visitar suas cidades natais perto de Chernobyl. E muitos caíram. O que resta são memórias – e pequenas bandeiras ucranianas no monumento no Maidan.

Minha vida cotidiana é rapidamente ritualizada: refletir no dia anterior, realizar entrevistas com o funcionamento da bateria e apresentar. Tudo se faz presente. Os dias úteis estão encerrados. Lembranças se abrem, se arrumam, se colocam em palavras. Mas minha pergunta sobre uma música infantil se depara com um muro: sobreposições coloniais soviéticas, palavras estrangeiras, um legado que não é mais aceito. E perguntas sobre o futuro? Eles permanecem intocados. Futuro é um espaço que não será adentrado na guerra, nessa invasão. E então, numa tarde, uma conversa com Nikita, vinte anos. Um momento quieto, quase por acaso. Ele diz: „Não sei quanto tempo vivo. Mas enquanto eu viver, quero dançar.“

Tudo se condensa aqui: o humano que permeia nossa dança e torna visível sua humanidade. Nikita está no início de sua carreira, e mesmo assim seu corpo já entende tudo o que o acompanhará por toda a vida. Este segredo indescritível – um conhecimento de respiração e movimento – que queremos passar adiante antes que desapareça novamente no momento.

Sua opinião, por favor: kolumne@fnwk.de



Anzeige - Tchibo

Anzeige - Top Strategiespiel 2026

